



Mosteiros Cistercienses

História, Arte, Espiritualidade e Património

José Albuquerque Carreiras (dir.)

SEPARATA

Mosteiros Cistercienses

História, Arte, Espiritualidade e Património

TOMO I

DIRECÇÃO

José Albuquerque Carreiras

Actas do Congresso realizado em Alcobaça
nos dias 14 a 17 de Junho de 2012

ALCOBAÇA

2013

O AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA E O ABASTECIMENTO DE ÁGUA AO MOSTEIRO DE S. BENTO DE CÁSTRIS

**MARIA FILOMENA MOURATO MONTEIRO*, MARÍZIA M. D. PEREIRA **
E MARIA DO CÉU SIMÕES TERENO*****

Introdução

A água, elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer local assumiu no inóspito Monte de S. Bento, situado muito próximo da cidade de Évora, importância capital para a comunidade religiosa feminina que aqui se fixou. A característica de local pouco abundante em águas superficiais foi ultrapassada com a busca e execução, de soluções mais ou menos engenhosas que garantiram uma quantidade e qualidade adequada do tão precioso líquido. O terreno, também esse sabiamente adaptado a alguns tipos de cultivo, permitiu por sua vez a prática de uma agricultura de subsistência a esta numerosa e prospera comunidade religiosa.

A existência de água, terrenos férteis e isolamento, características inerentes às casas religiosas pertencentes à Ordem de Cister estavam asseguradas garantindo a esta casa uma qualidade de vida espiritual e terrena adequada à Ordem em questão.

Localização do antigo mosteiro e área envolvente

O Mosteiro de S. Bento de Cástris foi fundado “meia légua” fora da cidade de Évora, para ocidente, na base de um monte, em local isolado, com bons terrenos embora declivosos e existência de água no subsolo das áreas envolventes.

No local existiria apenas a ermida de S. Bento instituída em finais do século XII, em velhas construções de apoio a antiga atalaia militar aí situada.

* Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura da Câmara Municipal de Évora.

** Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Universidade de Évora.

*** Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora.

Próximo dessa ermida, terá D. Urraca Ximenes constituído recolhimento religioso feminino que, por imposição da Igreja, integrou a Ordem de Cister. Constituiu-se assim a primeira casa religiosa feminina, fundada em Portugal, a Sul do Rio Tejo.

Nos campos temporal e espiritual, como casa feminina que era, ficou subordinada aos superiores do Mosteiro de Alcobaça pertencentes à mesma ordem religiosa. A cidade de Évora à data já contava com casa religiosa mendicante masculina, localizada a Sul da cidade e fora da muralha primitiva.

Embora sendo de clausura, devido a especificidades da Regra, o Mosteiro de S. Bento tornou-se amplo, rico e populoso, podendo segundo Pe. Manuel Fialho sustentar uma comunidade com mais de cento e quarenta pessoas¹.

Passados que foram mais de dois séculos após a instalação no local deste núcleo de religiosas, que obviamente se terão socorrido dos meios aquíferos naturais existentes na área, a construção do Aqueduto da Água da Prata, e o fato do seu traçado em planta ter sido projetado a passar próximo do mosteiro, permitiu um abastecimento suplementar de água à então já muito numerosa comunidade religiosa (**Fig. 1**).

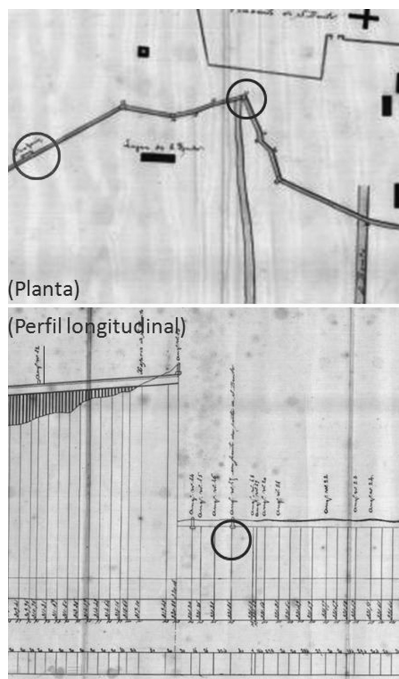


Fig. 1. Évora. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Traçado do aqueduto

¹ FIALHO, Manuel, Pe. e GUSMÃO, Armando de, *Évora Ilustrada*, livro IV, Imprensa Moderna, Évora, 1943, pp. 311-313.

Aqueduto da Água da Prata (edificação)

A descrição mais antiga, e verosímil, que se conhece do aqueduto e respetivo traçado consta no *Regimento do Aqueduto da Água da Prata* e está datada do ano de 1606. Nele relata-se que “...a primeira água que entra no Cano Real, é nas minas onde ele tem seu princípio, que está na herdade de Rui Lopes Lobo, além da igreja de nossa Senhora da Graça do Divor [...] estas minas têm dois canos apartados em dois braços muito bem-feitos [...] tem três palmos de largura, e seis de alto, com suas paredes de pedra e cal, coberto por cima de grandes pedras bem lavradas [...] e como a água há-se ir ao nível, vão os canos em terra alta por baixo dela, as vezes em 25 palmos, e em partes em 30 palmos [...] estes canos [...] a certos passos tem luminarias para dar claridade a quem os visitar por dentro, tirando-lhe as pedras que as cobrem ...”² (Fig. 2).

Sabe-se porém que o canal adutor foi, quando do início da edificação, construído com poucos cuidados, por escassez de tempo disponível e extensão da obra, chegando nos troços sobre arcaria, a ter ficado apenas a céu aberto. Poucos anos após a sua construção foi coberto com “cascões”, pedras irregulares e toscamente talhadas, o que diminuiu a evaporação do líquido no canal, melhorando também substancialmente a qualidade da água (Fig. 3).

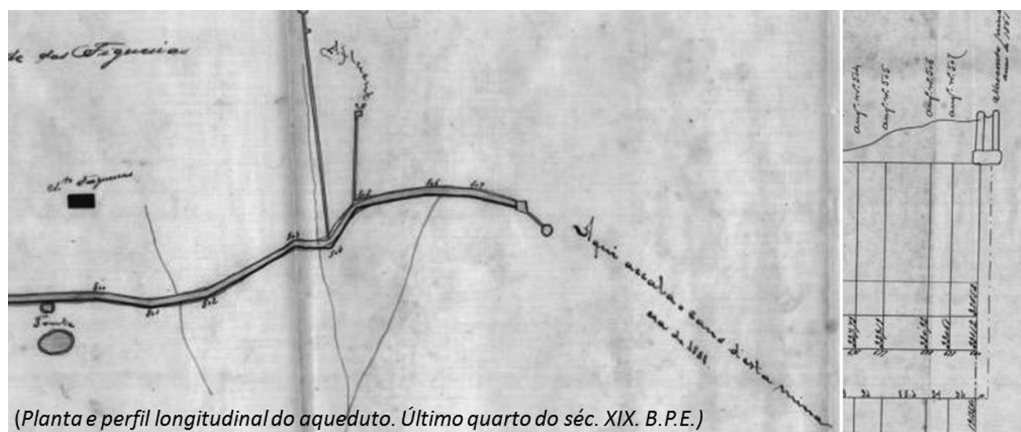


Fig. 2. Graça do Divor. Aqueduto. Nascentes

² *Regimento do Aqueduto da Água da Prata*, 1606, Câmara Municipal de Évora.

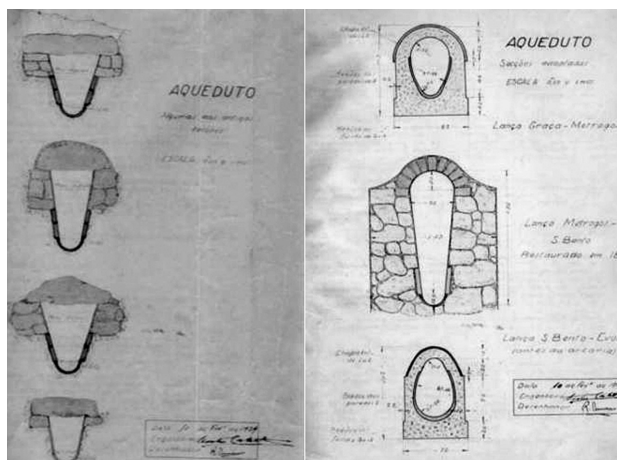


Fig. 3. Aqueduto. Perfis transversais tipo

Quanto ao revestimento interior do canal de adução, realizado com peças pré-fabricadas executadas em material cerâmico não vidrado, e moldadas em estaleiros ao longo da obra, eram facilmente desgastadas pela corrente da água, mesmo com a reduzida inclinação do perfil longitudinal do canal. Tal solução construtiva, embora rápida e económica, obrigou a obras regulares de manutenção, e mesmo à reformulação de diversos troços pouco tempo após a sua entrada em funcionamento (Fig. 4).

O Aqueduto da Água da Prata era abastecido por várias nascentes, que ao longo do seu traçado adutor engrossavam o caudal aquífero que corria pelo cano. Para além das 28 nascentes e fontes iniciais, muitas outras foram sendo adicionadas por diversos proprietários permitindo aos seus detentores, ou “donatários” segundo a nomenclatura no ano de 1606 expressa no Regimento, a utilização de uma determinada quantidade de

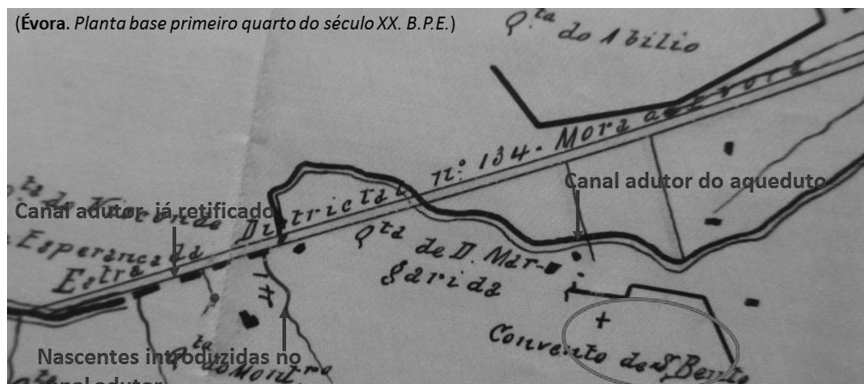


Fig. 4. Aqueduto. Remodelação do traçado

água, percentualmente relacionada com a nova quantidade introduzida no cano, em qualquer local, ao longo do traçado do cano real. Para isso teriam de suportar as despesas inerentes à construção do ramal da nascente que possuíam, até ao cano adutor do aqueduto, assim como respetiva caixa de água. No local a abastecer, igualmente tornava-se necessário o custear das despesas da edificação de caixa de água e respetivo ramal domiciliário (**Fig. 5**).

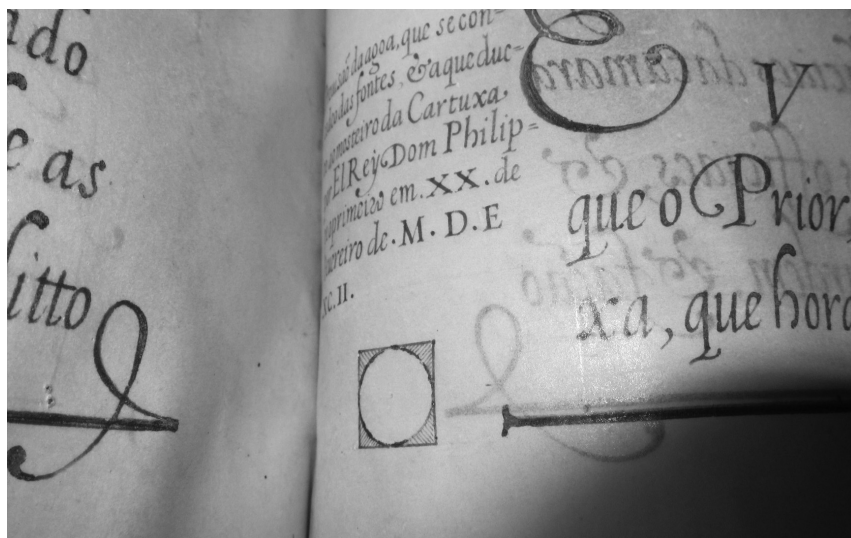


Fig. 5. Aqueduto. Atribuição de água

Traçado do aqueduto (geral)

O percurso do canal adutor desenvolveu-se de acordo com a topografia do terreno, sempre que foi possível adossado a este, evitando grandes obras em arcaria, ou a abertura e consolidação de galerias profundas. Tais soluções construtivas necessitariam de mais avultadas verbas, assim como de mais tempo para a sua execução, razões que não agradaria seguramente à população da cidade, que custeava as despesas da construção do cano real, nem ao rei que necessitava dessa água com urgência por alegadas razões de “saúde pública”. Devido ao clima seco, Évora era local regular de estadia da corte, essencialmente quando a peste alastrava noutras cidades do reino, pois estando a população infetada a corte seria sequencialmente afetada devido à proximidade diária inevitável.

Tais limitações nos meios construtivos, assim como a pouca diferença de cotas altimétricas entre a nascente mais distante, situadas para além da igreja da Graça do Divor e a cidade de Évora fizeram com que o declive do canal adutor fosse diminuto e influenciaram grandemente todos os potenciais pontos a abastecer com água do Cano Real. Com

uma velocidade de escoamento reduzida, devido à pouca percentagem de inclinação, a qualidade da água era afetada resultando daí diferentes problemas para a saúde pública.

Traçado do aqueduto (entre S. Bento e Évora)

Devido à altimetria, do terreno, das nascentes, e dos pontos a abastecer, o projeto do aqueduto foi obrigatoriamente desenvolvido em arcaria no troço compreendido entre S. Bento de Cástris e a muralha da cidade de Évora (**Fig. 6**).



Fig. 6. Aqueduto. S. Bento de Cástris/muralha. Arcaria

No Regimento descreve-se esta distancia como "... do muro da cidade até à arca que está aquém de São Bento onde o cano/começa a vir ao longo da terra, tem o cano oitocentos oitenta e duas braças...". Considerando que uma "braça", em Portugal, corresponderia hoje a 2,20 m, o comprimento do canal adutor entre estes dois locais seria, no ano de 1606, de aproximadamente 1830 metros.

Neste troço existiram duas fontes públicas abastecidas com água do cano real. A primeira a ser aberta foi a Fonte da Prata, ou a S. Bento, descrita no Regimento do Aqueduto como tendo "um tanque de 9 palmos de comprimento por 5 de largo". Situar-se-ia junto ao Mosteiro de S. Bento. A população da cidade passou a utilizá-la, embora estivesse localizada fora da cidade. Mais tarde foi aberta a Fonte das Cinco Bicas "esta com um tanque de 14 palmos de comprido por seis de largo" construída no troço em arcaria do aqueduto, já então terminado, e situada entre o Mosteiro da Cartuxa e o Convento de Santo António da Piedade, ambas casas religiosas entretanto edificadas (**Figs. 7 e 8**).



Fig. 7. Évora. Aqueduto. S. Bento de Cástris/Muralha. Pontos públicos de abastecimento de água



Fig. 8. Évora. Aqueduto. S. Bento de Cástris/muralha. Pontos particulares de abastecimento de água

Constata-se que, no espaço compreendido entre S. Bento e a cidade de Évora, o Aqueduto da Água da Prata abastecia duas fontes públicas, a de S. Bento ou da Prata (A) e a das Cinco Bicas (C), e duas casas religiosas, o Mosteiro da Cartuxa (B) e Convento de Santo António da Piedade (D)³ (Figs. 9 e 10).

Entre estes quatro pontos de água a Fonte da Prata, a S. Bento, era o segundo com maior quantidade de água. Situada próximo do mosteiro teria uma única bica abastecida com um “4º d’anel” de água proveniente do aqueduto.

Desde a nascente mais distante da Graça do Divor até esse local, a água corria através de 16,4406 km de caleira⁴, e daí até aos muros da cidade por mais 1,970 km.

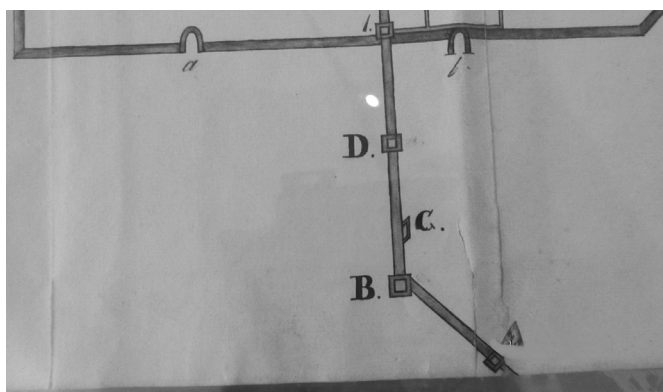


Fig. 9. Aqueduto. Planta esquemática. Troço entre S. Bento e a muralha

41	Cidade	40	4 Bicas
42	S. de los cartillos		to S. Anel
A	S. de S. Bento		Anel grande
B	Cartuxa		Anel menor
C	Cinco Bicas		Porta
D	S. Antonio		
e	Porta S. Xivir		
f	Porta S. Alagoa		

Fig. 10. Aqueduto. Legendagem da planta esquemática

³ Antiga Planta Da Canalização Das Aguas Sertoriannas Intra-Muros da Cidade de Évora, sem datação, Câmara Municipal de Évora.

⁴ Aqueduto da Água da Prata. Planta, esc. 1/25000, Hem II, 53, Biblioteca Pública de Évora (BPE), Évora.

Imediatamente após S. Bento, o aqueduto desenvolve-se ainda hoje em arcaria, antiga, aumentando progressivamente de porte em direção a Évora⁵ (**Fig. 11**). Tal antiguidade é contudo relativa considerando que devido à exposição aberta desta zona, a arcaria foi substancialmente danificada em períodos bélicos, mas reconstruída, devido ao importante papel que desempenhava o cano real no abastecimento de água à cidade (**Figs. 12 e 13**). Quanto ao troço anterior a S. Bento, maioritariamente a acompanhar a topografia do terreno verificou-se uma reformulação do traçado em planta, através do encurtamento do seu percurso adutor⁶.



Fig. 11. Aqueduto. Faixa de servidão. S. Bento de Cástris/muralha

⁵ *Perfil longitudinal do terreno em toda a sua extensão do aqueduto da Água da Prata. Escala 1/2500, Hem II, 52, BPE, Évora.*

⁶ *Planta chorographica da zona atravessada pelo Aqueduto Sertoriano d' Évora, e o estado das Obras em execução. Coleção dos Originais da Câmara, Arquivo Distrital de Évora (ADE), livro nº 851, folio 66, 1896.*

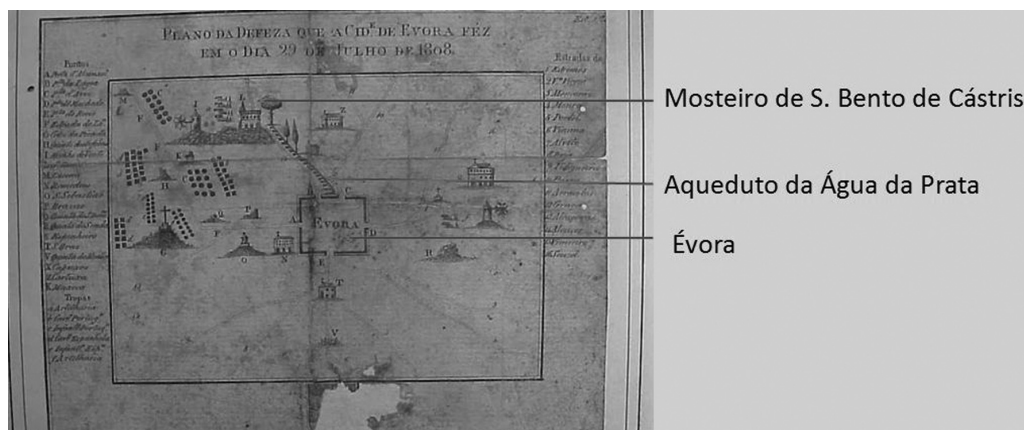


Fig. 12. Évora. Cartografia militar



Fig. 13. Évora. Aqueduto. S. Bento de Cástris/muralha. Reconstrução

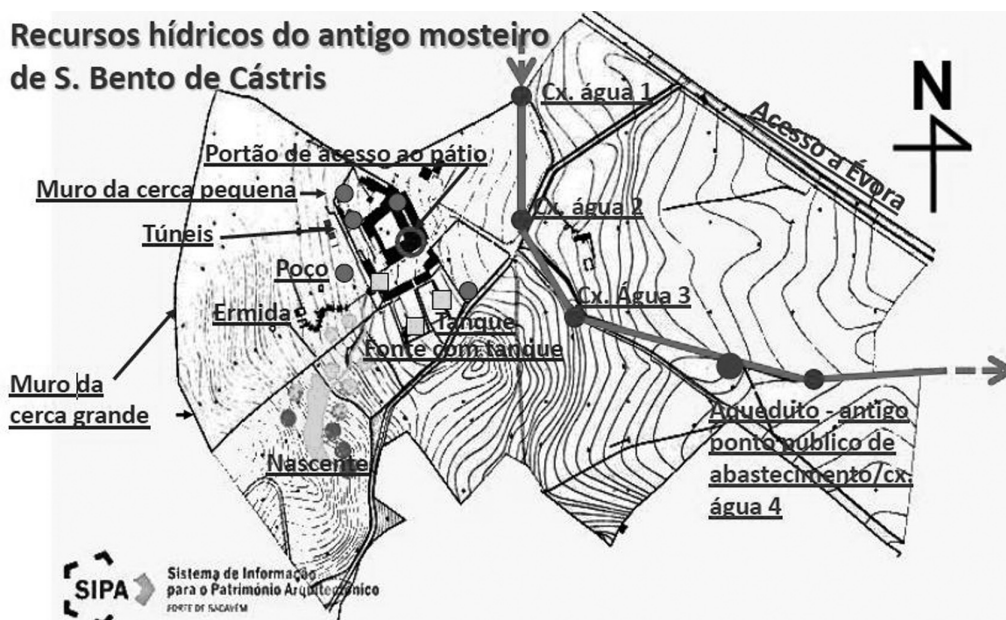


Fig. 14. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Recursos hídricos

Recursos hídricos (S. Bento de Cástris, atual situação)

O aqueduto, situado na área envolvente ao antigo Mosteiro de S. Bento de Cástris, uma nascente situada no exterior da cerca monástica, uma fonte, diversos poços dispersos, os túneis de drenagem e uma cisterna garantiam um abastecimento de água, qualitativa e quantitativamente, adequado ao mosteiro (**Fig. 14**). Todos estes antigos e importantes recursos aquíferos, embora ainda existam, não se encontram hoje aproveitados:

Aqueduto – para além do canal adutor existe a caixa de água nº 2 (remodelada), a mais próxima atualmente do portão de acesso ao pátio do antigo Mosteiro de S. Bento de Cástris (**Figs. 15 e 16**).



Fig. 15. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Aqueduto. Caixa de água nº 1



Fig. 16. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Aqueduto. Caixa de água nº 2

Faixa de servidão do aqueduto – essencial para a manutenção do aqueduto mantém-se ainda desimpedida de obstáculos neste troço junto a S. Bento (**Figs. 17 e 18**).

Nascente subterrânea – a água proveniente desta nascente, situada fora do limite da cerca grande, encontra-se canalizada sendo visível algumas das suas caixas de visita, situadas já no interior da cerca grande (**Figs. 19 e 20**).



Fig. 17. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Aqueduto.
Caixa de água nº 3



Fig. 18. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Aqueduto. Ponto de abastecimento de água e caixa



Fig. 19. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Nascente



Fig. 20. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Nascente.
Caixa de visita

Poços e cisterna – num total de cinco, atualmente selados ou entulhados (**Figs. 21 e 22**).

Túneis de drenagem – no exterior da cerca pequena existem ainda hoje túneis, conhecidos desde longa data. Seguramente serviriam para o encaminhamento de águas podendo pontualmente terem assumido diferentes utilizações em períodos determinados. Apresentam, devido à ausência de manutenção, em alguns troços, a cobertura abobadada abatida encontrando-se as caixas de visita ou entradas conhecidas, seladas por motivos de segurança (**Fig. 23**).



Fig. 21. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Poço



Fig. 22. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Cisterna



Fig. 23. Mosteiro de S. Bento de Cástris. Túnel de drenagem

Conclusões

Desde o ano de 1274 data da sua origem até ao ano de 2012 decorreram 738 anos de história, neste imponente e antigo conjunto monástico.

Atualmente coloca-se a questão de como salvaguardar, de imediato, tão vasto e diversificado património.

No que se refere aos diversos recursos hídricos da área envolvente há que referir o fato de se encontrarem desaproveitados: a água que corre no aqueduto da Água da Prata deixou de entrar no circuito de abastecimento público da qual hoje faz parte, essencialmente, as águas proveniente de barragens; os poços situados nas cercas e horta do antigo mosteiro cisterciense encontram-se, como medida de proteção, selados com lajes em cimento; os antigos túneis de drenagem, com alguns troços a ameaçar derrocada, estão inoperacionais e seladas as entradas conhecidas; a cisterna para onde certamente drenam as águas subterrâneas existentes no subsolo da igreja, garantindo menor humidade por capilaridade nas paredes, está esquecida e sem manutenção há longos anos; a nascente situada fora da cerca grande, e cuja água é conduzida para o tanque, e a fonte a necessitar de uma urgente consolidação da mina adutora assim como limpeza de todo o antigo sistema hídrico.

A proximidade da cidade de Évora, a ampla cerca que este antigo mosteiro ainda possui, os recursos naturais existentes embora não utilizados, o belo panorama que daí se abarca, a vasta área de construção existente ainda em bom estado de conservação, e a sua história, fazem deste conjunto algo difícil de preservar.

Caberá a todos um olhar criterioso na procura de soluções, imediatas, viáveis, de qualidade e que consigam preservar tão vasto local como um todo, contudo, só com uma compreensão do passado histórico se conseguirá intervir e preservar com qualidade. O respeito pelos conjuntos tendo em conta as suas antigas funções, mas também os recursos naturais, tornam-se essenciais sendo que a escolha de futuras novas funções deverá ter sempre como ponto de partida o existente, adaptando-se a escolha a este, e nunca o inverso.

O conhecimento e sequente conservação respeitosa do património são essenciais na sua preservação qualitativa.

